

-- SEÇÃO XI --

QUESTÕES CULTURAIS NA TRADUÇÃO

SIMPÓSIO*

AS MARCAS LINGÜÍSTICO-CULTURAIS DO TEXTO E SUA MANIPULAÇÃO TRADUTÓRIA

Maria Teresa MACHADO (FFLCH-USP; CNPQ)

ABSTRACT: Linguistic items which stand as brand marks of one certain language and culture always pose difficulties for practitioners, theorists and critics of translation. A systematic approach to this problem, involving a definition of such a class of items and a classification of possible strategies for dealing with them, has been attempted by Javier Franco Aixelá (University of Alicante, Spain). Our aim in this paper has been to analyze and test the methodological applicability of Franco's proposal in excerpts of Brazilian prose and poems in translation.

O crítico norte-americano Fredric Jameson vê a cultura como uma “miragem objetiva que nasce da relação entre dois grupos”. Nenhum grupo, por si só, “tem” uma cultura: cultura é a aura percebida por um grupo ao tomar contacto com e observar um outro grupo. Tudo aquilo que é estranho e desconhecido para um grupo é decodificado por este grupo como sendo a cultura do outro (Jameson;1993:33).

Ao debruçar-se especificamente sobre os aspectos culturais da tradução, o tradutor e professor Javier Franco Aixelá (Franco;1996), da Universidade de Alicante, na Espanha, observa que, para podermos estudar os aspectos culturais da tradução, seria desejável poder distinguir o que é estritamente cultural do que é lingüístico ou pragmático. Tarefa difícil, diz Franco, pois tudo, numa língua, é culturalmente produzido, inclusive a própria língua. É bem verdade que, em toda língua, há itens - como os nomes das pessoas, das instituições locais, dos logradouros, dos marcos históricos, das obras de arte, e assim por diante - que são fortemente vinculados ao que há de mais arbitrário em cada sistema lingüístico. Tais itens são sempre problemáticos na tradução interlingüística; mas, como veremos, há inúmeros outros itens lingüísticos que, sem parecerem especialmente arbitrários, constituem problemas na tradução. A todos esses itens, culturalmente problemáticos, Franco chama “culture-specific items”, aqui traduzidos como itens específicos de cultura.

Franco define “culture-specific items”, ou itens específicos de cultura, como sendo “os itens atualizados textualmente cuja função e conotações no texto de partida acarretam, ao serem transferidos para o texto de chegada, um problema de tradução, sendo este problema fruto ou da inexistência ou do diferente status intertextual do item no sistema cultural dos leitores do texto de chegada” (Franco;1996:58, nossa tradução).

A meu ver, a grande novidade e interesse da perspectiva de Franco é que, ao contrário de outros estudiosos da tradução que buscam definir os itens lingüísticos culturalmente carregados a partir de alguma propriedade que lhes seria imanente, a visão de cultura de Franco é, como a de Jameson, contingente e relacional. Os itens específicos de cultura de Franco não se definem por nenhuma propriedade intrínseca; eles se constituem a partir da questão tradutória. Só existem como e enquanto um problema de tradução. Um item específico de cultura

* Simpósio “Questões Culturais na Tradução de Textos de Diferentes Tipologias”.

não existe por si só, isoladamente. Ele se constitui na presença de um impasse tradutório, e portanto na interseção de duas línguas-culturas específicas. Como corolário, não há, para Franco, itens específicos de cultura permanentes - qualquer palavra ou expressão pode ser um item específico de cultura.

Traduzir, lembra André Lefevere (1993:122), significa transferir coisas e conceitos não só de uma língua para outra, mas de um universo de referência para outro. A superposição plena entre universos de referência distintos é impossível, e portanto também o é a equivalência plena entre as línguas. Há coisas e conceitos que, por não serem compartilhados no nível dos universos de referência, também não o são no nível da expressão lingüística. Na tradução, a necessidade de expressar lingüisticamente as coisas e conceitos não compartilhados pode levar à conservação, no texto de chegada, de palavras ou expressões que remetem à língua / universo de referência de partida, e que funcionam, no dizer de Lefevere, como 'marcas' tradutórias. Essas marcas são como um atestado da existência de uma alteridade entre o texto de partida e o texto de chegada.

Dado o interesse da proposta de Franco como contribuição teórica, vamos verificar se ela se sustenta na prática. Tendo realizado pesquisa sobre a obra tradutória, do português ao inglês, de Elizabeth Bishop (1911-1979), e verificado que a questão cultural se coloca com destaque no conjunto das suas traduções, vamos tomá-la como base para o presente exercício.

Vejamos, por exemplo, os parágrafos iniciais de Minha Vida de Menina, de Helena Morley (1994), na versão original e nas suas versões para o inglês (Morley;1991), em tradução de E. Bishop, e para o italiano (Morley;1994).

"Hoje foi nosso bom dia da semana.

Nas quintas-feiras mamãe nos acorda de madrugada, para arrumarmos a casa e irmos cedo para o Beco do Moinho. A gente desce pelo beco, que é muito estreito, e sai logo na ponte. É o melhor recanto de Diamantina e está sempre deserto. Nunca encontramos lá uma pessoa, e por isso mamãe escolheu o lugar.

Mamãe chama Emídio, da Chácara, e põe na cabeça dele a bacia de roupa e um pão de sabão. Renato leva no carrinho as panelas e as coisas de comer, e vamos cedo. Mamãe e nós duas, eu e Luisinha, entramos debaixo da ponte para lavar a roupa. Emídio, o crioulo, vai procurar lenha. Renato vai pescar lambaris; nunca vi tanto como ali. Ele só tem tempo de pôr a isca, jogar o anzol e puxa logo um lambari ou um bagre. Nhonhô põe o visgo e fica de longe à espera de passarinhos. Cai um, ele corre, limpa o pé do pobrezinho com azeite e mete na gaiola. Unta a vara de novo e daí a pouco já vem outro, um pintassilgo ou um curió." (Morley;1994:5)

Agora, o mesmo trecho, na correspondente tradução de Bishop.

"Today is the best day of the week.

On Thursdays [school holiday] mama wakes us up at daybreak and we tidy up the house and leave very early for the Beco do Moinho [Mill Lane]. We go down the lane, which is very narrow, and come out on the bridge. It's the best spot in Diamantina and it's always deserted. We never meet anyone there; that's why mama chose it.

Mama sends for Emídio from the chácara,* and puts the big tin basin of laundry on top of his head and the ball of soft soap on top of that. Renato takes pots and pans and things to eat in the little cart and we start off. Mama, Luizinha, and I go down under the

bridge to wash the clothes. Emídio goes to look for firewood. Renato fishes for lambaris;** I never saw as many as there are there. He just has to put on the bait, drop in the hook, and he immediately pulls out either a lambari or a shad. Nhonhô spreads birdlime on a twig and stays a little way off watching for birds. When he catches one he runs out and cleans off the poor little thing's feet with oil and puts it in the cage. Then he puts more birdlime on the twigs and after a little while another bird arrives, a linnet, or a sparrow.

* See p. xxxv.

**Lambaris: tiny fish." (Morley;1991:3-4)

Destacam-se, no trecho acima, uma série de palavras e expressões que obviamente não pertencem ao inglês (Beco do Moinho; Diamantina; Emídio; chácara; Renato; Luizinha; lambaris; lambari, de novo; Nhonhô); dentre essas palavras, estranhas ao inglês, tanto há nomes próprios (Diamantina, Luizinha, Emídio etc.) quanto nomes comuns (chácara, lambari). Note-se até a manutenção dos diacríticos, também não existentes no inglês. São todos, para usar o termo de Lefevere, 'marcas' de tradução.

Também saltam aos olhos algumas intervenções explícitas da tradutora, umas inseridas no correr do texto (Thursdays [school holiday], Beco do Moinho [Mill Lane]), outras figurando como notas de rodapé. Tomemos 'chácara', que remete à primeira nota de rodapé, "See p. 35" (i.e., ver p. 35); à p. 35 da edição traduzida, a última de uma longa introdução da tradutora, Bishop explica: "é difícil definir 'chácara'; significa uma casa com grandes jardins, até mesmo uma pequena fazenda, mas não necessariamente no campo. A chácara, constantemente mencionada em Minha Vida de Menina, fica na divisa da cidade. Já que 'farm', 'garden', ou 'country house', dariam uma falsa idéia, mantive 'chácara', sem traduzir, no livro inteiro." (tradução minha)

Se olharmos o mesmo trecho em tradução para o italiano,

"Oggi abbiamo il nostro giorno di ricreazione settimanale.

Al giovedì la mamma ci seglia di buon'ora per mettere in ordine la casa e andare presto al Viottolo del Mulino. Si scende per lo stretto passaggio e si giunge subito al ponte. È il posto più bello di Diamantina ed è sempre deserto. Non vi abbiamo mai trovato nessuno: è per questo che la mamma l'ha scelto.

La mamma chiama Emidio dalla fattoria, e gli mette sulla testa la bacinella della roba e un pezzo di sapone. Renato carica sul carrettino le pentole e le cose da mangiare, e via! La mamma e noi due, io e Luigina, ci mettiamo sotto il ponte per lavare la roba. Emidio, il creolo, va in cerca di legna. Renato va a pescare lambari;* non ne ho mai visti tanti come in questi paraggi. Non ha che da mettere l'esca, gettare l'amo e subito tira fuori un lambari o un bagre. Gnogno mette il vischio e se ne sta a distanza aspettando gli uccelli. Quando uno rimane preso, lui corre, pulisce il piede della povera bestiola con olio e lo mette nella gabbia. Unge di nuovo la bacchetta e di lì un poco eccone un altro, un pintassilgo o un curiò.**

* Nome generico di molte specie di pesci d'acqua dolce.

** Pintassilgo, curiò: uccelli canori della famiglia dei Fringillidi." (Morley;1994:4)

veremos que o seu tradutor ou tradutora usou, para 'chácara', a palavra 'fattoria', que em italiano, ou pelo menos para este tradutor ou tradutora, traduz 'chácara'. O que faz de 'chácara' um item específico de cultura na interseção do português com

o inglês, mas não na interseção do português com o italiano, sustentando-se assim a definição de Franco.

Bishop também conserva em português os nomes das pessoas, inclusive os diminutivos, 'Luizinha' e 'Nhonhô'; conserva também 'lambari'; mas traduz 'bagre' por 'shad', 'pintassilgo' por 'linnet' e 'curió' por 'sparrow'. Já o tradutor ou tradutora para o italiano conserva Renato e Emídio, italianiza os diminutivos Luizinha (Luigina) e Nhonhô (Gnognò), e mantém como empréstimos 'lambari', 'bagre', 'pintassilgo' e 'curió' (note-se o emprego dos diacríticos adaptados à norma italiana de acentuação).

Seria preciso alguém que, além de ser trilingüe em português, inglês e italiano, fosse também especialista em peixes e aves, para dizer em que medida lambari, bagre, pintassilgo e curió teriam ou não equivalentes lingüístico-referenciais no inglês e no italiano. Não vamos porém tratar disso. O que nos interessava aqui era testar o valor epistemológico da definição dos itens específicos de cultura, a sua constituição na interface das línguas em jogo. O fato de uma palavra como 'chácara', aparentemente destituída de uma forte marca cultural, surgir como um ponto problemático na interseção do português com o inglês mas não com o italiano, parece sinalizar que a conceituação dos itens específicos de cultura como uma categoria de itens que só emergem como tal em situação tradutória é adequada.

Isto posto, Franco empreende um esforço de classificação. Por não admitir, nos itens específicos de cultura, nenhuma propriedade imanente, e considerando ao invés que eles são contingentes à situação tradutória, a classificação de Franco mobiliza não os itens específicos de cultura, mas o repertório de estratégias aplicáveis à tradução deles.

Esta classificação, ressalva Franco, não se quer uma descrição objetiva da realidade. O propósito de Franco é metodológico - permitir que se detecte a tendência de uma tradução. Franco parte da premissa de que toda tradução tem um duplo compromisso - o de ser uma representação de um texto pré-existente, e o de ser um texto válido em si mesmo. Assim, ele vai classificar as estratégias tradutórias segundo o grau de manipulação intercultural, com vistas a revelar se a tendência da tradução é predominantemente identificadora (i.e, ser uma representação de um texto pré-existente), ou predominantemente assimiladora (i.e., ser um texto válido em si mesmo).

O esquema de classificação de Franco é simples, binário - num eixo, as estratégias de conservação do item, no outro, as de sua substituição.

No eixo das estratégias de conservação, temos:

- a estratégia da "Repetição", que incide, em geral, nos nomes próprios e topônimos (Emídio, Diamantina), e nos empréstimos (lambari); Franco observa que os empréstimos costumam soar exóticos para o leitor da tradução, e que o fato de uma mesma palavra, que pode ser absolutamente corriqueira em uma língua (como lambari), ser percebida

como o seu 'clone' exótico, é um dos paradoxos da tradução, e uma das armadilhas da noção tradicional de equivalência.

- a estratégia da "Adaptação ortográfica", que inclui a transcrição e a transliteração (Nhonhô, que no diário em italiano vira Gnognó), também conhecidas como 'decalques'.
- a estratégia da "Tradução linguística (não-cultural)", que é a tradução literal, denotativa, que se processa no nível meramente lingüístico, não no cultural; é o caso de Beco do Moinho, que tem como equivalente lingüístico em inglês Mill Lane, e em italiano, Viottolo del Mulino.
- a estratégia da "Glosa" é uma explicação do significado do item (Beco do Moinho [Mill Lane] e Thursdays [school holiday]), ou das suas implicações; a glosa pode ser "intratextual", quando a intervenção do tradutor é dissimulada no correr do texto, ou "extratextual", quando ela é explícita (notas, glossários, comentários, traduções intratexto ou em rodapé); no caso, [school holiday] é uma glosa extratextual, porque vem entre colchetes, o que indica uma intervenção explícita do tradutor; mas poderia vir entre vírgulas, dissimulando assim a intervenção do tradutor, e aí seria uma glosa intratextual.
- a estratégia da "Explicitação" é uma variante da glosa que visa a tornar explícito algo que no original é só parcialmente revelado (p.e., acrescentar um sobrenome ao nome); em geral, tem o intuito de dissolver ambigüidades, segundo Franco, um dos traços mais universais da tradução.

No eixo das estratégias de substituição, temos

- a estratégia da "Sinonímia", que em geral se baseia em motivos estilísticos, p.e., quando a língua de chegada faz restrições estilísticas à repetição de palavras (é bastante comum nas traduções para o português, freqüentemente com o efeito de 'embelezamento' do texto).
- a estratégia da "Universalização", que é a substituição de um item por outro; se o item substituído ainda remeter à cultura de partida, temos uma universalização "limitada"; se apagar todas as conotações de alteridade, temos uma universalização "absoluta"; e se o item substituído for específico da cultura da língua de chegada, temos a "Naturalização"; esta diferenciação de Franco (entre a universalização e a naturalização) parece cristalina, mas, como veremos, muitas vezes é difícil distinguir entre essas estratégias.
- a estratégia do "Apagamento" é muito mais comum do que se pensa, ou do que preconizam os cânones da boa tradução; aplica-se ou quando o item é inaceitável, ou quando é demasiado obscuro, ou quando exige um esforço exagerado do leitor, ou quando não se pode recorrer a uma glosa. O apagamento, obviamente, só se revela no cotejo textual. No nosso trecho do diário, onde Bishop traduziu "Emídio goes to look for firewood", o texto de partida dizia "Emídio, o crioulo, vai procurar lenha."

Houve portanto o apagamento do epíteto 'crioulo' (por sinal, mantido no italiano, "Emidio, il creolo").

- a estratégia da "Atenuação", menos radical do que o apagamento, aplica-se quando o item é ideológica ou estilisticamente inaceitável na língua/cultura de chegada.
- a estratégia da "Criação autônoma" é o acréscimo de alguma referência cultural inexistente no texto de partida; pode combinar-se com o apagamento, resultando na estratégia da "Compensação".
- a estratégia do "Deslocamento" prevê a inserção do item em algum outro ponto do texto.

Franco observa que não só todas essas estratégias podem combinar-se entre si, como não há nada de estranho em um tradutor usar, num mesmo texto e para um mesmo item específico de cultura, diferentes estratégias - é o padrão de uso, com os seus desvios ou modulações, que irá em última instância revelar a tendência da tradução.

O simples fato de a nossa entrada do diário ter rendido diversos exemplos de estratégias de conservação, e menos de estratégias de substituição, já sugere que a tradução do diário por Elizabeth Bishop tem um viés identificador. Mas, até para ilustrar melhor as estratégias de substituição, vamos enriquecer este nosso exercício com outros textos. Passando da prosa à poesia, vamos tomar dois trechos de dois poemas brasileiros, "Tragédia Brasileira", de Manuel Bandeira, e "A Mesa", de Carlos Drummond de Andrade, e comparar cada qual com duas versões em inglês, uma de Elizabeth Bishop e as outras, respectivamente, de Candace Slater e Virginia de Araujo.

Eis o trecho de "Tragédia Brasileira", na versão de Bandeira.

"Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade,
Conheceu Maria Elvira na Lapa, - prostituta, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.
Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria...." (Bandeira;1977:238)

Aqui, a sua versão por Elizabeth Bishop.

"Misael, civil servant in the Ministry of Labor, 63 years old,
Knew Maria Elvira of the Grotto: prostitute, syphilitic, with ulcerated fingers, a pawned wedding ring and teeth in the last stages of decay.
Misael took Maria out of "the life," installed her in a two-storey house in Junction City, paid for the doctor, dentist, manicurist... He gave her everything she wanted...." (Bishop;1994:232)

E na versão de Candace Slater.

"Misael, employee of the Treasury Department, age sixty-three, got to know Maria Elvira in the Grotto - a whore with syphilis, a rash on her fingers, a wedding ring in hock and teeth rotten to the point of no return.
Misael rescued Maria Elvira from the Life, set her up in a nice house in Junction City, paid for the doctor, the dentist, the manicurist. He gave her everything her heart desired...." (Bandeira;1989:131)

No que tange aos nomes próprios, tanto Bishop quanto Slater repetiram os nomes Misael e Maria Elvira, mas não os topônimos - o nome Lapa foi submetido a uma tradução lingüística, Grotto, e Estácio a uma naturalização, Junction City. (Vale apontar a coincidência exata, e aparentemente não motivada, na tradução de ambos os topônimos, o que sugere que Slater conhecia, e decidiu acompanhar, a escolha de Bishop.) Já o fato de Bishop não repetir o nome duplo, Maria Elvira, reduzindo-o a Maria, pode ser interpretado ou como uma espécie de sinonímia, que é uma estratégia de substituição, ou como uma explicitação com o sinal trocado, isto é, uma “implicitação”, ou seja, tornar implícito algo que estava explícito, que é uma estratégia de conservação.

No grupo das palavras e expressões que não são nomes próprios, para “funcionário da Fazenda” Bishop optou por “civil servant in the Ministry of Labor”, Slater por “employee of the Treasury Department”. “Labor” por Fazenda é, obviamente, um erro, uma derrapada lingüística-cultural de Bishop (Ministry of Labor equivaleria ao nosso Ministério do Trabalho). Mas ambas as tradutoras sentiram a necessidade de explicitar Fazenda (Ministério da Fazenda), sendo que Bishop saiu para a tradução lingüística (Ministério – Ministry) e Slater para a tradução cultural (nos Estados Unidos, os Ministérios chamam-se Departments, Treasury Department correspondendo ao nosso Ministério da Fazenda). Inversamente, Slater traduziu lingüisticamente “servidor” pelo neutro “employee”, ao passo que Bishop naturalizou “servidor” como “civil servant”, que é o equivalente nos Estados Unidos ao nosso ‘funcionário público’.

Os termos “sobrado” e “vida”, na expressão “tirar da vida”, confirmam a afirmação de Franco de que qualquer item da língua, não só aqueles tipicamente arbitrários, pode ser um item específico de cultura. Para a palavra “sobrado”, cada tradutora optou por uma expressão diferente, “two-storey house” (casa de dois andares) e “nice house” (boa casa), dois exemplos de estratégia universalizadora (sendo a “two-storey house” de Bishop, talvez, mais descritiva de “sobrado” do que a genérica “nice house”). Já para a expressão “tirou da vida”, as duas recorreram à tradução lingüística - Bishop usa “took out of “the life””, Slater, “rescued from the Life”. Bishop põe “the life” entre aspas e Slater escreve “Life” com inicial maiúscula, ou seja, ambas indicam por notação gráfica o uso lingüístico-metafórico de ‘life’.

A conclusão, na linha proposta por Franco, é que as traduções de Bishop e Slater praticamente se equivalem em termos da manipulação tradutória dos itens específicos de cultura - ambas recorrem preferencialmente às estratégias de conservação, um indício seguro de que ambas têm tendência identificadora. Se a de Bishop parece ligeiramente mais colada no original, é antes pelo aspecto estilístico do que pelo cultural. “A pawned wedding ring”, por exemplo, é mais próximo de “uma aliança empenhada” do que “a wedding ring in hock”, que seria mais próximo a ‘uma aliança no prego’ - mas esta é uma questão estilística, e não, cultural. Culturalmente, não se pode dizer que haja diferença substancial entre as duas.

O mesmo não acontece no poema de Drummond,

“...
“

Ai, grande jantar mineiro

que seria esse... Comíamos,
e comer abria fome,
e comida era pretexto.
E nem mesmo precisávamos
ter apetite, que as coisas
deixavam-se espostear,
e amanhã é que eram elas.
Nunca desdenhe o tutu.
Vá lá mais um torresminho.
E quanto ao peru? Farofa
há de ser acompanhada
de uma boa cachacinha,
não desfazendo em cerveja,
essa grande camarada.
..." (Andrade;1979;299)

onde as versões de Bishop,

"... Ah, it would be a big
mineiro* dinner... We ate,
and hunger grows with eating,
and food was just a pretext.
We didn't even need
to have appetites; everything
was disposed of; the morning after,
we'd take the consequences.
Never disdain tutu.**
There goes some more crackling.
As for the turkey? Farofa***
needs a nice little cachaça****
to keep it company,
and don't overlook the beer,
a great companion, too.

...

* Referring to the State of Minas Gerais.

** Dish made of beans mixed with manioc flour.

*** Dish made of manioc flour mixed with butter, sausage, eggs etc. **** Fiery liquor made from sugar cane." (Bishop;1994:249)

e de Araujo,

"...

Oh, Yes! – it would for a fact
be a great dinner... and we'd eat
and get hungrier, as if the food
were eaten as a mere pretext.
We wouldn't need that much
appetite, when things themselves
charmed themselves to the mouth.
Tomorrow, the charm would be gone:
A mistake to abuse the sauce!
Pepperoni bites back!
And as for the turkey-tom,
what starts well with cognac
as the crackling skin is cut
wants the brotherly tide of beer

before the stuffing is gone...." (Andrade;1981:110)

são diametralmente opostas. Concentrando-nos nas quatro palavras que Bishop empresta do português - "mineiro", "tutu", "farofa", e "cachaça", notamos a associação das estratégias da repetição (os quatro empréstimos) e da glosa extratextual (as quatro notas de rodapé correspondentes, carimbo da intervenção explícita do tradutor ou tradutora). O efeito cumulativo dessas duas estratégias, ambas do eixo da conservação, revela um viés nitidamente identificador.

Araujo, por sua vez, opta radicalmente pelas estratégias de substituição. Os itens 'mineiro' e 'tutu' são apagados, ou melhor, 'tutu' pode ter dado ensejo a uma criação autônoma da tradutora (na estratégia que Franco chama "compensação"), o que justificaria a introdução de um par de versos ("A mistake to abuse the sauce! / Pepperoni bites back!" - algo como 'É um erro abusar do molho! Lingüiça é indigesto!') não explicitamente presentes no poema de Drummond. O item 'farofa' se metamorfoseia em "stuffing" (naturalização que antes evoca o 'recheio' de um acepipe anglo-saxão do que a farofa de um peru à brasileira) e é deslocado da décima-primeira para a última linha do trecho citado. E finalmente a 'cachacinha', que Bishop reproduzira como "little cachaça", associando o empréstimo à tradução lingüística da partícula diminutiva, na tradução de Araujo vira "cognac", que tanto pode ser vista como universalização absoluta quanto como naturalização - e como ilustração da dificuldade de distinguir entre estas duas estratégias.

O uso maciço por Bishop de estratégias do eixo da conservação, e pela outra tradutora de estratégias do eixo da substituição, denota, independentemente de qualquer consideração estilística, que, no que diz respeito a este pequeno trecho do poema de Drummond, a tradução de Bishop é identificadora, ou seja, é uma representação assumida de um texto preexistente, ao passo que a outra tradução é assimiladora, i.e., tende a transcender o texto preexistente para se apresentar como um texto válido em si mesmo.

Cabe acrescentar que, no seu artigo, Franco apresenta ainda uma série de parâmetros, por ele denominados supratextuais, textuais, intratextuais e inerentes, cuja combinação ajudaria a explicar porque os tradutores ou tradutoras, em determinados contextos, tendem a usar umas ou outras estratégias de manipulação dos itens específicos de cultura. Ao final do seu artigo, Franco complementa-o com uma análise da manipulação intercultural a que foi submetido o romance *The Maltese Falcon*, de Dashiell Hammett, em três diferentes versões espanholas. Além de o fator tempo inviabilizar a discussão de todos esses pontos no âmbito desta comunicação, a abordagem das variáveis explicatórias é, a meu ver, menos consistente e bem-sucedida do que a definição dos itens específicos de cultura e a classificação das estratégias de sua manipulação tradutória, aqui tratadas.

Acreditamos ter salientado a originalidade e a relevância da contribuição teórica de Javier Franco ao definir essa nova categoria, os itens específicos de cultura, como derivada da questão tradutória. Acreditamos também ter

demonstrado que, dentro das limitações apontadas, ela pode ser uma ferramenta metodológica útil para quem quiser trabalhar com os aspectos culturais da tradução de textos, queremos crer, de qualquer tipologia. Para a análise e a crítica das traduções, a contribuição teórica e metodológica de Franco parece ser especialmente valiosa—lá onde não se logrou produzir um equivalente lingüístico é onde a tradução é menos automática, onde se manifesta de modo mais claro a intervenção do(a) tradutor(a) e, portanto, um ponto privilegiado para flagrar a tendência, a natureza e o grau da intervenção tradutória.

Para encerrar, uma ressalva: o fato de que, nos exemplos que acabamos de examinar, as traduções de Elizabeth Bishop apresentaram constante e consistentemente um viés identificador serve apenas como ponto de partida - nada mais que um indício da preocupação de Bishop, enquanto tradutora, de preservar os aspectos culturais do texto de partida. Daí a generalizar que Bishop teria sido uma tradutora de viés identificador, vai uma grande distância. Além de termos usado neste exercício uma amostragem muito restrita, e nem um pouco aleatória, este tipo de afirmação exigiria um exame muito mais amplo e aprofundado da obra de Bishop enquanto tradutora - não restrito à questão dos itens específicos de cultura, mas explorando uma série de outros parâmetros, entre eles o estilístico, que aqui mal chegamos a tangenciar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. D. (1981) *The Minus Sign - A Selection from the Poetic Anthology of C. D. A.* Tradução e introdução de Virginia de Araujo. Manchester: Carcanet New Press.
- _____. {1964} (1979) *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- BANDEIRA, M. (1989). *This Earth, That Sky - Poems by Manuel Bandeira*. Tradução, notas e introdução de Candace Slater. Berkeley: University of California Press.
- _____. {1958} (1977) *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- BISHOP, E. {1983} (1994) *The Complete Poems 1927-1979*. New York: The Noonday Press.
- FRANCO A., J. (1996). "Culture-specific items in translation". In Álvarez, R. & M.C.A. Vidal (eds.) *Translation, Power, Subversion*. Clevedon: Multilingual Matters.
- JAMESON, F. (1993) On "Cultural Studies". *Social Text* 34.
- LEFEVERE, A. (1993) "Realia in translation". In Zlateva, P. (ed.) *Translation as Social Action: Russian and Bulgarian Perspectives*. London: Routledge.
- MORLEY, H. {1942} (1994) *Minha Vida de Menina - Cadernos de uma Menina Provinciana nos Fins do Século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. {1957}(1991). *The Diary of "Helena Morley"*. Tradução, edição e introdução de Elizabeth Bishop. New York: The Ecco Press.